

A poesia de Maria Teresa Horta pela busca da totalidade feminina

PATRICIA MARIA DOS SANTOS SANTANA*

Resumo

O presente artigo é produto de um estudo da poesia “Anjos Mulheres – VI” de Maria Teresa Horta. A libertação e a autorrealização femininas ocorrem no momento em que a mulher da atualidade se desvencilha de padrões de conduta autoritários e limitadores. Por meio da criação artística e do vigor de Eros, Horta mostra-se por inteiro representando também, de tal forma, a mulher de nosso tempo.

Palavras-chave: Mulher; Poesia; Eros; Totalidade.

Abstract

This article is the result of a study of the poem “Anjos Mulheres – VI” written by Maria Teresa Horta. Women’s liberation and self realization occur at the moment that the woman of today breaks away the authoritarian standards of conducts and limiters. By means of artistic creation and the force of Eros is that Horta entirely shows herself also representing, in such a way, the woman of our time.

Key words: Woman; Poetry; Eros; Totality.



* PATRICIA MARIA DOS SANTOS SANTANA é Mestre em Letras e Ciências Humanas e Doutoranda em Literatura Comparada pela UFRJ.

Considerações iniciais

*Cesse de uma vez meu vão desejo
De que o poema sirva a todas as fomes.*

Adélia Prado

As formas pelas quais atualmente levantamos questões de sexos e sexualidade, leitura e escrita, subjetividade e enunciação, voz e performance são impensáveis sem o impacto do feminismo, mesmo que muitas dessas atividades possam ocorrer na margem ou até fora do movimento em si.

Andreas Huyssen

Maria Teresa Horta procura alcançar, por meio da criação artística, sua totalidade feminina representando, assim, a si mesma e a mulher de sua época. A autorrealização e a libertação femininas ocorrem no momento em que a mulher da atualidade se desvencilha de padrões de conduta autoritários que a limitam. Mediante o vigor de Eros, Horta mostra-se por inteira em seu fazer artístico.

Paradoxalmente, ao mostrar fragmentos do imaginário social é que a autora consegue um entendimento de sua plenitude, como veremos no estudo do poema “Anjos Mulheres IV”.

Os artistas procuram decifrar os mistérios da arte. A verdade talvez seja para o artista, o melhor que a arte pode lhe oferecer, mesmo sem existir um consenso sobre o que significa ser a arte ou, ainda, a própria verdade. Artista é aquele que funde o seu próprio mistério com o mistério que a arte mantém, pois, algo se concretiza diante de seus olhos. É possível que o artista, ao contemplar o resultado de seu trabalho, perceba a sua verdade. Exatamente de Eros, ou seja,

dessa pulsão de vida que está presente no ato da criação artística, vem a vontade de quem cria manifestar o que há no seu interior. De acordo com a personagem da sacerdotisa Diotima de Mantinea, no

Banquete de Platão, é Eros quem estimula a criação de homens que denominamos poetas e inventores. O erotismo deriva-se de impulsos sexuais, mas é capaz de ultrapassá-los se revelando mesmo em contextos onde é grande a repressão à sexualidade, em casos de extrema sublimação dos impulsos sexuais.



Maria Teresa Horta

Fotografia © Alexandre Silva – Fonte: [DN Artes](#)

Em nosso estudo específico, nós podemos afirmar que a mulher artista da atualidade, representada aqui na poesia de Maria Teresa Horta, visa o encontro de sua completude. Ela não se anula como ser desejante e faz de sua obra um processo para alcançar o seu todo. A mulher que aparece nos mitos e na literatura como fonte de toda a vida, como aquela que gera (por analogia simbolizada pela terra), é também aquela que devora, que traz a morte ao mundo dos homens (a terra sendo também túmulo). Afinal, se morte e vida se misturam, sobretudo, no momento da reprodução, é natural que a mulher,

como elemento gerador, conviva intimamente com esses fenômenos. Representações do feminino se encontram expressas nos relatos dos pagãos e dos cristãos. A própria *Bíblia* traz exemplos inesgotáveis da necessidade de proteger as mulheres e de, ao mesmo tempo, se proteger delas. Mulheres que, silenciosas e passivas, ameaçavam a ordem da humanidade, sobretudo durante a menstruação e a gravidez, estados considerados impuros e que as remetem naturalmente à conexão erótica. Hoje em dia, encontramos na criação artística feminina, ou melhor, na sua pulsão de Eros, artifícios que a mulher usa para se libertar das imposições sociais e tentar se mostrar em plenitude.

Freud desenvolve o conceito de pulsão em muitos dos seus ensaios. Ele relatou que as pulsões são entidades míticas magníficas em sua imprecisão, uma vez que a “nossa civilização foi construída à custa das tendências sexuais que, sendo inibidas pela sociedade, são, com efeito, em parte reprimidas, mas, em parte, transformam-se utilizáveis em outros fins” (1932, p. 137). O poder de transformação proveniente da pulsão, conforme aponta o autor, reside não apenas na repressão da energia sexual, mas, especificamente, na utilização de parte da libido para outros fins que não os de satisfazê-la sexualmente. Em específico, encontramos em Freud a possibilidade de utilização da energia sexual de forma não sexual, isto é, enquanto energia dirigida, ou seja, canalizada, para outros fins, precisamente chamada pelo psicanalista de sublimação. A obra artística, por assim dizer, canaliza a pulsão do autor na forma estética, proporcionando satisfação ao artista, na medida em que suporta a expressão do representante pulsional. Por meio da arte podemos impedir que a sensação de prazer seja apagada. Na arte repete-se o modelo da criação, que é a concepção a

partir do nada. O verdadeiro artista é aquele que consegue lidar com seus conteúdos inconscientes, indo além do recalçamento, trazendo-os transformados em algo novo, seja esse algo uma pintura, uma escultura, uma canção, um poema, fazendo com que outros compartilhem dessa criação, mediante aquilo que sua obra desperta em cada um.

Octavio Paz (1994) nos conta que o princípio básico da linguagem é a comunicação e a natureza primeira da sexualidade é a reprodução. Na poesia, porém, a linguagem desvia-se de seu fim natural que é a comunicação para dar lugar a sugestões e imagens criadas por uma linguagem inteiramente simbólica. Por outro lado, algo semelhante ocorre com o erotismo quando põe entre parênteses a reprodução para dar lugar à imaginação, ao prazer pelo prazer. Explica-se o caráter subversivo tanto do erotismo como da poesia. O autor reitera essa afirmação dizendo que a poesia possui um caráter de periculosidade que é inerente ao seu exercício e é constante em todas as épocas e em todos os poetas. Na criação do artista, por meio do vigor de Eros, existe uma busca pela totalidade. A força contida nesse querer não significa necessariamente que essa totalidade será alcançada. O desejo de transgressão só se desperta mediante a presença de um interdito. O impulso pela totalidade do ser vem do desejo de reviver a plenitude da natureza primordial de seres únicos e plenos (explicada desde a antiguidade pelo mito da androginia). A arte revela essa pulsão de Eros à totalidade do ser, sempre em busca da permanência do momento efêmero do gozo; ela procura perpetuar o tempo fugaz do prazer.

Durante anos, a visão social da mulher foi uma visão forjada pelo poder patriarcal e a literatura é uma forma de reagirmos à insatisfação. Com o passar dos anos, mais especificamente, desde a libertação

feminista aos dias de hoje, a escrita feminina toma contornos próprios e se posiciona como uma forma de resgate ao que foi perdido. A mulher vem se mostrando como sujeito social em nome de sua moral, moral esta que fora concebida pelos moldes masculinos e pelo pensamento da sociedade patriarcal. Carol Gilligan (1997) define a moral feminina como uma moral que altera uma perspectiva hierárquica dando lugar à visão de que o eu e os outros serão tratados como tendo o mesmo valor, e que, apesar das diferenças na posse do poder, as coisas correrão com justiça e que todos obterão resposta e não serão excluídos. A moral das mulheres não é exclusivista, mas inclusiva, onde todos podem ter vez e voz. A ideia de inferioridade em relação à mulher vem desde a antiguidade, tendo-se em relevância o pré-estabelecimento de uma superioridade masculina. A visão que a sociedade tem da mulher é resultado de uma concepção unilateral que o homem criou da mesma. O problema reside no fato de que a mulher é vista na construção social como “o outro” do homem, aquela que nasceu para cuidar do lar e para viver para toda a família, ou seja, viver para o marido e para os filhos. Ela mesma é colocada em segundo plano, sem expressar suas vontades, sem manifestar seus desejos: “o homem transforma-a em instrumento. Meio para obter o conhecimento e o prazer, via para atingir a sobrevivência, a mulher é ídolo, deusa, mãe, feiticeira ou musa, conforme aponta Simone de Beauvoir, mas nunca pode ser ela mesma”. (PAZ, 1992, p. 178)

Maria Teresa Horta nasceu em Lisboa em 20 de maio de 1937. Oriunda, pelo lado materno, de uma família da alta aristocracia portuguesa, conta entre os seus antepassados a célebre poetisa Marquesa de Alorna. Estudou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dedicou-se ao cine-clubismo,

como dirigente do ABC Cineclubes, ao jornalismo e à questão do feminismo tendo feito parte do Movimento Feminista de Portugal juntamente com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa. Em conjunto lançaram o livro *Novas Cartas Portuguesas*. Fez parte do grupo Poesia 61. Publicou diversos textos em jornais como *Diário de Lisboa*, *A Capital*, *República*, *O Século*, *Diário de Notícias* e *Jornal de Letras e Artes*, tendo sido também chefe de redação da revista *Mulheres*. Estreou com a obra poética *Espelho Inicial* (1960). Em 2001, publica *Minha Senhora de Mim*. É casada com o jornalista Luis de Barros.

Sobre a poesia

A temática da poesia de Horta é o que torna atraente o seu trabalho. A insubmissão da figura feminina em sua escrita destaca a luta da poeta em relação à sociedade patriarcal na qual fomos inseridos. Lembrando Deifelt (2004, p.28) que diz que “A arte não é somente uma representação da vida do artista, mas uma codificação simbólica de sua própria existência”, nós podemos afirmar que a autora estudada neste artigo busca criar com base na vida pessoal e que, também, busca representar a vida de diversas mulheres contemporâneas. Para desfazer as amarras do poder presentes na história tradicional que priorizou o sexo masculino como soberano, é que se mostram os jogos de escrita do poema aqui apresentado, exaltando, através da arte, a força da mulher que segue em busca de sua libertação e de sua totalidade.

A obra de Horta encontra-se marcada por uma escrita impetuosa e sensual que explora as potencialidades da linguagem. Em *Os anjos* (1983), livro do qual o poema “Anjos Mulheres – VI” foi retirado, ela escreve sobre o corpo, tomando-o como suporte físico de diversos poemas. Essa imagem do corpo

radicaliza-se definitivamente em um diálogo com a tradição do culto ao corpo e ao amor físico. Horta recorre ao andrógino em seus poemas possibilitando uma unidade utópica entre o masculino e o feminino. Em várias culturas, o mito do andrógino tem sido apropriado pelas cosmogonias, reflexões filosóficas e criações poéticas como metáfora da origem. A imagem do anjo é central em todo o livro e representa justamente a marca da ambiguidade pura, mesmo porque, pelo o que se sabe, não se confere gênero a nenhum deles. Observemos, pois, os versos iniciais do poema:

As mulheres voam
como os anjos:
Com as suas asas feitas
de cristal de rocha da memória
Disponíveis
para voar
soltas...
Primeiro,

lentamente, uma por uma
Depois,
iguais aos pássaros
fundas...
Nadando,
juntas

Secreta: a rasar o
chão
a rasar a fenda
da lua
no menstruo:
por entre a fenda das pernas
Às vezes é o aço
que se prende
na luz
A dobrarmos o espaço?

Nas imagens encontradas, nós temos duas leituras possíveis: de certo discurso feminista que se mostra autêntico e independente do gênero masculino e de um discurso narcisista em relação à própria sexualidade e ao próprio corpo a favor do bem estar, admitindo o disfarce e a androginia como elementos relevantes à

sua autolibertação. As mulheres que voam menstruadas são os anjos numa visão que abrange uma leitura positiva e idealizada da mulher. A poética de Maria Teresa Horta apresenta como características marcantes vislumbrar a condição feminina, sua sexualidade e sua identidade. No voo individual e solto de mulheres que são anjos e que são, controversa e paralelamente, bruxas, a poeta mostra que é possível ver na figura da mulher a força da união, mencionada nos versos 13 e 14 em “nadando,/ juntas”. Para Luiza Lobo (1997), certos personagens utilizados pela literatura escrita por mulheres, como as bruxas, por exemplo, servem justamente para desfazer estereótipos enraizados na sociedade em que vivemos. Tais autoras se utilizam de personagens em comum para formarem uma espécie de irmandade em prol de Eros, da criação artística e do prazer de criar, sempre negando o patriarcalismo social existente:

[...] a visão da bruxa, feiticeira, deusa, mulher realçada em pureza pelos mitos do marianismo medieval, a musa, exaltada pelo Romantismo, ou a guerreira, figura que surge na literatura do século XX já sem a máscara da mulher disfarçada em cavaleiro medieval ou renascentista (Cruzadas, Joana d’Arc, etc.) são facetas de uma afirmação de vida em face da pulsão de morte. Representam uma irmandade que nega o patriarcalismo [...], apresentando a defesa de direitos na lei e liberdade de ação e de experimentação transcendental, para além da censura e no encontro da criação e do prazer. (LOBO, 1997, p. 4-5.)

Em Horta, nós vemos a arte tentando atingir e immortalizar o momento de totalidade. A vivência possibilita o fazer poético e a poesia se torna possível a partir da explosão do gozo da criação. Isso reitera poeticamente o que já foi dito por Paz ao afirmar que a poesia põe entre

parênteses a comunicação como o erotismo, a reprodução. Por meio dessa linguagem hermética que fala nas entrelinhas, pondo de lado a comunicação, revela-se o caráter transgressor da poesia. Nesse sentido, a arte corresponde à natureza perversa do Erotismo. Toma-se aqui a noção de perversão que se cristalizou no século XIX. Na época, eram consideradas perversas todas as manifestações de Eros que não estivessem a serviço da reprodução, base da sustentação da família. A arte, como as perversões, defende a realização do prazer pelo prazer, sendo, portanto, ameaçadora. Mediante a pulsão de Eros, Horta traça uma conscientização em seus versos como uma forma de libertar-se e de libertar a figura feminina.

A pulsão erótica da poesia vista é um momento importante para conseguir essa reversão de valor, uma vez que a condição sexual da sociedade sempre foi disposta pelo homem. Assim, falar de determinados assuntos como sexo ou desejo sexual pode ser considerado um jeito de reivindicar os pressupostos sociais cristalizados, sem ódio ou rancor. É como se a mulher só quisesse se revelar para mostrar a sua existência, gritar que existe como ser humano e ser social. A criação artística de nossa poeta acaba alegorizando toda essa vontade de dizer o que não é permitido. Horta mergulha no tema como forma de desconstrução e reconstrução da figura da mulher, tornando este o melhor caminho para se mostrar. O campo do erotismo é justamente o espaço do questionamento. Para as interrogações levantadas sobre a vida e a morte, que o ser humano se propõe ao longo da existência, somam-se as questões do amor, da paixão e do erótico. Essas questões não apenas se somam, mas se interpenetram e confundem o homem. É por isso que Georges Bataille, em *O Erotismo*, se

recusa a dar às suas indagações um cunho estritamente científico, uma vez que a ciência procura estudar uma questão isolada, acumulando trabalhos especializados frente a um determinado tema. O autor contrapõe dizendo que “o erotismo tem para os homens um sentido que a abordagem científica não pode alcançar” (BATAILLE, 1987, p. 8), lembrando sempre que o autor defende que o erotismo se articula em torno de dois movimentos opostos: a busca de continuidade dos seres humanos, a tentativa de permanência além de um momento fugaz, em oposição ao caráter mortal dos indivíduos, a impossibilidade de superar a morte.

Com “as suas asas feitas de cristal de rocha da memória”, o eu lírico de Horta nos remete ao conceito de memória e passado. Analisando a história, verificamos que a utilização do cristal foi orientada para a cura e para rituais de contato com os mundos intraterrenos e extraterrenos. Nossos ancestrais também utilizaram os cristais como ferramentas geradoras de energia. Acredita-se que os cristais possuem a capacidade de transmitir frequências de energia por longos períodos de tempo. Até os dias de hoje, eles são utilizados tendo em vista as boas intenções pessoais. Daí sua relação direta com a memória no poema, possuindo, pois, o poder de transmitir energeticamente, na atualidade, a verdadeira memória feminina e não a memória criada para elas com as ‘asas de cristal’. Sobre a realidade feminina no passado, Michelle Perrot (1989, p. 10-11) pontua:

[...] a observação das mulheres em outros tempos obedece a critérios de ordem e de papel. Ela diz respeito mais aos discursos que às práticas. [...] Sobre elas não há uma verdadeira pesquisa, apenas a constatação de um eventual deslocamento para fora dos territórios que lhe foram reservados.

Agora são colocadas de lado as mulheres desprovidas de existência que habitaram o passado, pois cabe à mulher narrar a própria história, tirando, assim, do homem o poder de contar seu passado e determinar o seu destino.

O eu lírico da poeta menciona um poder feminino capaz de rasar o chão e, rapidamente, tocar a fenda da lua dando continuidade ao voo mágico e frenético de mulheres que são anjos e/ou bruxas e que se permitem alcançar tudo o que querem por conta de suas asas e vassouras. A menstruação é mencionada no poema de Horta por ser uma característica inerente à mulher e é como se a poeta fizesse questão de mostrar que o corpo feminino é, acima de qualquer outra coisa, seu maior e melhor patrimônio, devendo ser mencionado e exaltado em todas as suas particularidades.

Bruxas:
 pomos asas em vassouras
 de vento
 E voamos
 Como as asas
 lhe cresciam nas coxas
 diziam dela:
 que era um anjo do mar

Rondo alto,
 postas em nudez de ombros
 e pernas
 perseguindo,
 pelos espaços,
 lunares
 da menstruação
 e corpo desavindo

Não somos violência
 mas o vôo
 quando nadamos
 de costas pelo vento
 até à foz do tempo
 no oceano denso
 da nossa própria voz

Sabemos distinguir
 a dormir

os anjos das rosas voadoras
 pelo tacto?

Somos os anjos
 do destino
 com a alma
 pelo avesso
 do útero
 Voamos a lua
 menstruadas

Os homens gritam:
 – são as bruxas
 As mulheres pensam:
 – são os anjos
 As crianças dizem:
 – são as fadas

Fadas?
 filigrama cintilante
 de asas volteando
 no fundo da vagina

Sendo bruxas ou anjos, mulheres nunca se anulam como seres que sentem prazer. Uma metáfora para o desejo sexual aparece em “as asas lhe cresciam nas coxas”, enaltecendo, dessa forma, a capacidade de responder por suas vontades sexuais na atualidade. Em outro momento, a mulher aparece como “um anjo do mar”, com o mar representando aqui a umidade feminina no momento de desejo. Essa ideia de desejo é constante no poema, reforçada também em “filigrama cintilante/ de asas volteando/ no fundo da vagina”, como uma forma de representação do próprio orgasmo feminino.

Uma passagem muito significativa do texto em torno da representação do imaginário social faz-se em “Os homens gritam: – são as bruxas/ As mulheres pensam: – são os anjos /As crianças dizem: – são as fadas”. Nesse momento, a poeta alude ao fato das próprias mulheres se enxergarem como anjos (capazes de anunciar boas novas); dos homens que acreditam que as mulheres modernas são bruxas devido ao estilo indomado e das

crianças que julgam encontrar nas mulheres as suas fadas, talvez como uma representação da própria maternidade e da proteção que as mães apresentam para seus filhos.

Nadamos?
De costas,
no espaço deste século
Mudar o rumo
e as pernas mais ao
fundo
portas por trás
dobradas pelos rins

Abrindo o ar
com o corpo num só golpe
Soltas,
viando
até chegar ao fim

Dizem-nos:
que nos limitemos ao espaço
Mas nós voamos
também
debaixo de água
Nós somos os anjos
deste tempo
Astronautas,
voando na memória
nas galáxias do vento...

O eu lírico menciona a luta feminina na sociedade atual ao mencionar: “Nadamos?/ De costas,/ no espaço deste século/ Mudar o rumo/ e as pernas mais ao fundo”. O nado de costas simboliza os enfrentamentos que a mulher deste século sofre. Não é um nado simples, de frente, e sim um nado atribulado, cansativo, mas que precisa ser assim para conseguir mudar o rumo das coisas. Nos versos “Dizem-nos:/ que nos limitemos no espaço/ mas nós voamos/ também/ debaixo d’água” entendemos que a ação combativa feminina é tão forte que não se limita a ficar presa ao espaço que lhe é imposto e permitido, pois sempre está desejando mais.

Temos um pacto
com aquilo que
voa
– as aves
da poesia
– os anjos
do sexo
– o orgasmo
dos sonhos

Não há nada
que a nossa voz não abra

Nós somos as bruxas da palavra.

Ao dizer “Temos um pacto/ com aquilo que/ voa”, o eu lírico diz que todas as mulheres são “astronautas” (e classifica os astronautas como anjos desse tempo). Acrescenta também que as mulheres são “aves da poesia”, “anjos do sexo”, “orgasmos dos sonhos” e “bruxas da palavra”. A poeta reserva justamente para o final do poema uma exaltação bastante direta à criação poético-artística e à força de Eros como pulsão motivadora. Ao se definir como poeta, o eu lírico de Horta também mostra em toda mulher o poder que cada uma delas possui para abrir seu próprio caminho, pois “Não há nada/ que a nossa voz não abra”; é a existência feminina se tornando audível e possível através da palavra:

Se a existência se torna possível na palavra é porque por esta se vivencia a liberdade, para a qual nos remete o prefixo “ek”, de “ek-sistir”, que diz do irromper, do lançar-se para fora das relações de uso em busca da realização plena da humanidade. (SOARES, 1999, p. 46)

Exatamente assim, a poeta realiza a liberdade feminina em seus versos.

Considerações finais

Pela poesia e pela palavra, ao utilizar o vigor de Eros em busca da totalidade, Horta acaba por mostrar também a mulher em seu interior, fazendo de seu poema e

de sua vida uma espécie de microcosmo social, ou seja, representando também cada mulher da contemporaneidade. Muitas vezes é pelo processo de fragmentação que podemos reunir aspectos para se compreender um todo e, segundo Schiller (1991, p. 51), “a imagem da espécie está nos indivíduos, aumentada e decomposta – mas não por misturas diversas e sim por fragmentos, de modo que é preciso indagar, indivíduo após indivíduo, para reconstituir a totalidade da espécie”. Isso justifica a impossibilidade do épico na literatura do mundo moderno, em que prevalece o individualismo e um ser humano que já não é capaz de representar a coletividade. Todavia, tal fato não impossibilita o ser humano da atualidade de se mostrar em partes na sua própria tentativa de totalidade apresentado nele mesmo, de tal forma, um microcosmo, ou seja, uma pequena representação social.

Sabendo-se que a plenitude é algo impossível de alcançar, pois somos seres marcados pela incompletude, a tentativa de atingir um todo faz parte de nossa infinita busca de realização plena como seres humanos. Essa literatura feminina que tem como proposta mudar o imaginário social imposto aproveita-se bem do vigor de Eros para tentar resgatar a completude perdida. Horta, em sua poesia, torna-se porta voz da mulher, fazendo de seus poemas e de sua vida uma representação do pensamento feminino contemporâneo, que é livre, sensual, questionador e insubmisso, acentuando um discurso feminino/feminista que se mostra autêntico e independente do gênero masculino,

seguindo sempre em rumo à total libertação.

Referências

- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- DEIFELT, Wanda. “O corpo em dor”. In: **À Flor da Pele: ensaios sobre gênero e corporeidade**. Rio Grande do Sul: Sinodal, 2004.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas**, vol. 7, 1932.
- GILLIGAN, Carol. **Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher**. Lisboa: LCG, 1997.
- HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?” In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HORTA, Maria Teresa. **Poesia Completa II**. Lisboa: Litexa, 1983.
- LOBO, Luiza. “A gênese da representação feminina na literatura ocidental: Bíblia, Cabala e Idade Média”. **Revista Mulheres e Literatura**. Ano1, volume 1. 1997. Disponível em <http://www.litcult.net/revistamulheres_vol1.php?id=6>. Acesso em 23/10/2011.
- PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PERROT, Michelle. “Práticas da memória feminina”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.9, n.18, p. 9-18, ago-set 1989.
- PLATÃO. **O Banquete**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- SCHILLER, Friedrich. **Cartas sobre a educação estética da humanidade**. São Paulo: E.P.U., 1991.
- SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

Recebido em 2013-03-06
Publicado em 2013-07-06